

# **JOVENS TRABALHADORES: EXPERIÊNCIA DO TRABALHO E CONDIÇÃO JUVENIL<sup>1</sup>**

**Carolina Morais Simões de Melo**

Graduanda em Serviço Social – UFJF

**Paula de Oliveira Purgato**

Graduanda em Serviço Social – UFJF

## **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem por objetivo analisar dados e propor algumas reflexões referentes às condições de trabalho e a situação de vida de jovens trabalhadores, ressaltando as condições peculiares que estes jovens enfrentam no mercado de trabalho com relação aos adultos. Foi realizada uma pesquisa quantitativa utilizando o banco de dados da plataforma RAIS/CAGED, 2010, financiada pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

Este estudo vem compor uma pesquisa mais ampla que trata dos destinos (Heller, 1987) assumidos pelos jovens na contemporaneidade. Neste mesmo sentido, considera-se que existem três destinos possíveis aos jovens: aqueles capturados pelas redes ilegais do tráfico e do crime organizado, os jovens usuários da assistência social e os jovens trabalhadores (Cassab e Negreiros, 2010). Dentre os jovens trabalhadores distinguem-se ainda três experiências: aqueles que ainda não se encontram inseridos no mercado de trabalho, mas buscam entrar no mesmo; os que já se encontram no mercado de trabalho, porém em postos precários ou informais e buscam outra inserção menos provisória; e aqueles que estão inseridos em postos de trabalho formais, com direitos garantidos, buscando sua permanência e ascensão no emprego (Cassab e Negreiros, 2010).

No presente trabalho será abordado o destino do jovem trabalhador que já se encontra inserido no mercado de trabalho formal, especificamente dos jovens inseridos no ramo da metalurgia na cidade de Juiz de Fora – MG. É importante ressaltar que estes são minorias diante do desemprego estrutural que se instala na sociedade contemporânea.

---

<sup>1</sup> A pesquisa foi realizada por bolsistas de iniciação científica e de treinamento profissional do grupo de pesquisa “Geração, Trabalho e Espaço” da Faculdade de Serviço Social da UFJF. Destacamos a participação de Eduarda Coelho da Silva na coleta e sistematização dos dados.

Num primeiro momento busca-se discutir a juventude enquanto categoria sociológica que se configura e se constrói de formas diferenciadas nos diversos contextos sócio-históricos. Em seguida, apresenta-se os resultados encontrados na pesquisa juntamente com algumas reflexões acerca das transformações no mundo do trabalho e os rebatimentos dessas novas configurações na vivência da juventude.

## **2. A JUVENTUDE COMO CONSTRUÇÃO**

Ao se discutir a juventude é preciso considerar que esta nem sempre existiu como etapa delimitada de experiências. De acordo com Cassab (2001), antes da revolução industrial somente a juventude nobre tinha essa etapa da vida reconhecida e, ainda assim, de forma submissa e baseada na vigilância constante, na disciplina e na obediência. Os jovens pobres não tinham esse período reconhecido, visto que desde os sete anos de idade já estavam aptos a trabalhar e assumir responsabilidades da vida adulta, principalmente no que tange ao trabalho e à vida sexual.

A revolução industrial aparece como um marco na construção da juventude, visto que modifica os modos de vida dos sujeitos. Os jovens nobres ingressam nas escolas e passam a ser encarados como um investimento para o futuro das famílias, sendo ainda mais vigiados. Os jovens pobres eram excluídos da escola e precocemente inseridos no mundo do trabalho nas fábricas como operários.

A inserção no mundo do trabalho cria uma divisão no tempo da juventude: o tempo da adolescência, dos 12 aos 16 anos, de resistência menor ao trabalho e maior vigilância, sendo a primeira transição entre infância e juventude; e o tempo da juventude, tempo de transição para a maturidade, com o corpo plenamente apto ao trabalho mas sem o status ainda de indivíduo adulto. É um período de serviço militar obrigatório e de atenuação da vigilância familiar, isto somente no caso dos rapazes, visto que a juventude era pensada “somente no masculino”, pois não se via necessidade de se preocupar com as moças, que tinham habilidades manuais inatas e estavam predestinadas ao casamento (Cassab, 2001).

Sendo assim, a juventude se apresenta como uma categoria claramente etária, mas também se configura como uma produção sócio-histórica. Segundo Groppo (2000) a juventude é uma categoria sociológica que se configura como uma representação social e, ao mesmo tempo, como uma situação social, sendo formada por representações simbólicas e por um conjunto de comportamentos, atitudes e situações vividas em comum. Apesar de existirem

traços comuns à juventude, tal categoria não pode ser tratada como homogênea, uma vez que as situações vivenciadas pelos jovens não se apresentam da mesma maneira, se distinguindo de acordo com as diferenças de condições social, raça, etnia e gênero. É nesse sentido que se busca falar em *juventudes* no plural.

Segundo Abramo (2005), na sociedade moderna, no século XX especificamente, a juventude nasce como uma *segunda socialização*, como um tempo a mais de preparação para as exigências do mundo moderno industrial. Essa preparação é feita em uma instituição específica, a escola, e suspende a participação no mundo produtivo. Ou seja, a condição juvenil passa a ser delimitada por duas situações: ficar livre das obrigações do trabalho e se dedicar aos estudos, que significa ter um tempo maior de preparação para entrar na vida adulta.

“(...) a noção moderna de juventude acabou aparecendo como um período de interregno, de transição, de ambigüidade, de tensão potencial. Seu significado social é de uma “*moratória*”, compreendida como esse adiamento dos deveres e direitos da produção, reprodução e participação, um tempo socialmente legitimado para a dedicação exclusiva à formação para o exercício futuro dessas dimensões de cidadania.” (ABRAMO, 2005)

Edgar Morin (1997) aponta que a cultura de massa do século XX requisita papel específico para o jovem a partir das mudanças sociais das últimas décadas. O jovem no século XX é alvo no mercado consumidor, que direciona produtos especificamente para este grupo.

Unido a isso, a juventude passa por uma valorização em relação a outras faixas etárias. Porém, tal aumento de interesse pela juventude e valorização de seus atributos não representou maior projeção para os jovens, nem conquistas de espaços sociais mais relevantes. Os processos que privilegiam a acumulação do capital em detrimento dos investimentos sociais afetaram os jovens, assim como toda a sociedade. Portanto tais reflexos parecem ser mais cruéis em relação aos jovens e crianças por meio, por exemplo, da exclusão dos jovens do acesso à educação e ao mercado de trabalho.

Dessa forma, a pesquisa aqui apresentada buscou identificar essas transformações no mundo do trabalho e os reflexos que atingem os jovens trabalhadores. Para isso, buscou-se a plataforma online da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais)/CAGED 2010 e disponível no site do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

### 3. OS JOVENS TRABALHADORES

Através da RAIS/CAGED 2010 é possível ter acesso a informações como faixa etária, grau de instrução, gênero, ocupação, remuneração média, nacionalidade, tempo de serviço, tipo de admissão e causa do desligamento, dentre outros, relativos aos trabalhadores do mercado de trabalho formal do Brasil. A partir daí foi possível gerar tabelas e correlacionar os dados encontrados para mensurar as condições de trabalho e as situações de vida dos jovens. Neste trabalho, destacamos as variáveis referentes à idade, faixa salarial, jornada de trabalho e ocupação (famílias ocupacionais).

Considerou-se como jovens aqueles inseridos na faixa entre 18 e 24 anos. A partir dos dados encontrados obteve-se que o número de jovens inseridos no ramo da metalurgia em Juiz de Fora é de 1290 em um total de 7549 metalúrgicos, representando, portanto, 17,8% do total de metalúrgicos da cidade.

As famílias ocupacionais, classificadas pela RAIS de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), revelam que tanto os jovens como o total dos metalúrgicos se concentram nas mesmas ocupações, como mostra a tabela 1, diferindo em especial na função de Ajustadores Mecânicos Polivalentes. A presença de jovens na ocupação de Ajustadores Mecânicos Polivalentes soma aproximadamente 8%, enquanto no total dos metalúrgicos representam 2,6%. Isto indica que o trabalho polivalente, que se caracteriza por ser menos especializado, se apresenta como porta de entrada do jovem na empresa, mas que este possui certa mobilidade, passando a ocupar outras funções.

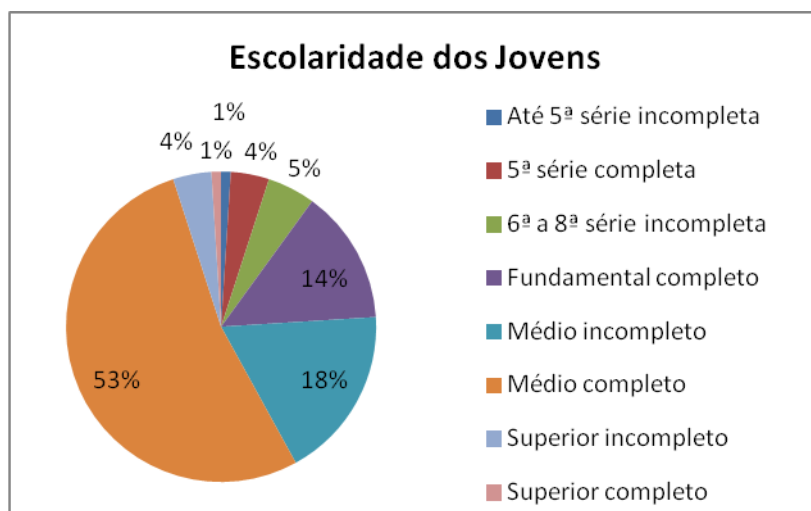
Tabela 1 – Famílias ocupacionais

<b>Famílias de maior concentração no total de metalúrgicos</b>	<b>% em relação ao total de metalúrgicos</b>	<b>Famílias de maior concentração entre os jovens metalúrgicos</b>	<b>% em relação ao total de jovens</b>
Mecânicos de manutenção de veículos automotores	8,8%	Mecânicos de manutenção de veículos automotores	10,1%
Técnicos em eletrônica	6,3%	Técnicos em eletrônica	8,29%
Trabalhadores de caldeiraria e serralheria	6,29%	Ajustadores mecânicos polivalente	8%

Fonte: RAIS – CAGED 2010.

No que se refere à escolaridade dos jovens (Fig. 1), 10% não completaram o ensino fundamental, 14% tem o ensino fundamental completo, 18% têm ensino médio incompleto, 53% médio completo, 5% ingressaram no ensino superior e com relação à Pós-Graduação (mestrado e doutorado) não há nenhum jovem. Destaca-se uma significativa concentração no Ensino Médio Completo (53%), o que indica que é exigido um mínimo de escolaridade para o ingresso nas empresas, mas que ao mesmo tempo, há um pequeno número de jovens que consegue ultrapassar este nível de escolaridade atingindo o ensino superior.

Fig. 1 – Escolaridade dos Jovens



Fonte: RAIS – CAGED 2010.

Depara-se, então, com as dificuldades encontradas pelos jovens para continuar sua escolarização e, conseqüentemente, atingir melhores postos de trabalho e ter acesso a melhores salários. Além disso, a falta de tempo livre prejudica o acesso a atividades de lazer e cultura que são importantes para a formação do jovem enquanto sujeito. A vida do operário fora do trabalho praticamente inexistente enquanto tempo “seu” na contemporaneidade, uma vez que a acumulação flexível faz com que não haja uma distinção entre o universo do “lar” e o da “produção”, sendo tudo integrado à lógica flexível. Os trabalhadores são atormentados pela insegurança de perder o emprego e pela necessidade de se qualificar o tempo todo (Araújo, 2009).

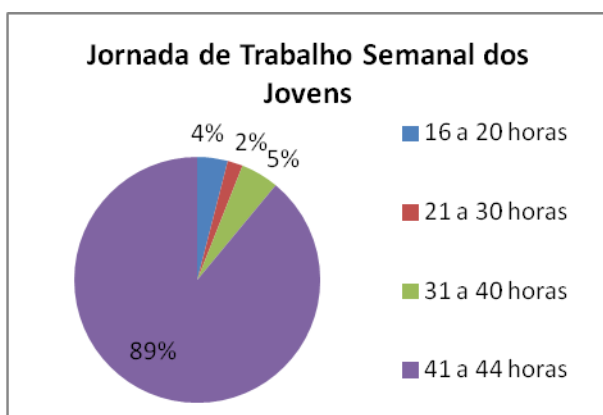
Os dados constatados reforçam ainda uma questão muito importante levantada por Pochamann, onde ele chama de “heróis” aqueles que conseguem estudar e trabalhar:

“Os brasileiros pobres que estudam e trabalham são verdadeiros heróis. Submetem-se a uma jornada de até 16 horas diárias, oito de trabalho, quatro

de estudo e outras quatro de deslocamento. Isso é mais do que os operários no século XIX.” (Oliveira, 2011)

Outro dado que interfere na continuidade do investimento na escolarização é a jornada de trabalho (Fig. 2), pois 88,6% dos jovens trabalham de 41h à 44h/semanais, o que resulta numa jornada média de mais de 8 horas diárias. A alta jornada de trabalho não é vivenciada apenas pelos jovens, pois dentre o total de metalúrgicos 82,3% também trabalham de 41h a 44h semanais.

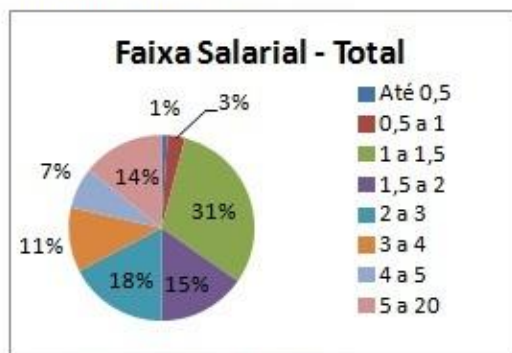
Fig. 2 – Jornada de Trabalho Semanal dos Jovens



Fonte: RAIS – CAGED 2010

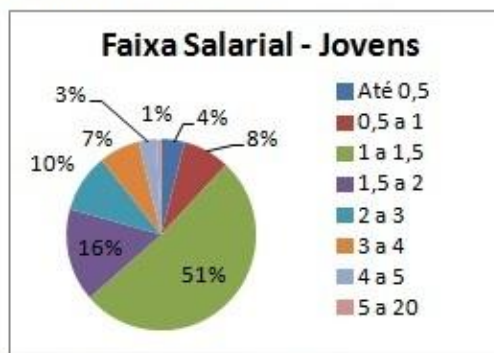
Os dados referentes à faixa salarial (Fig. 3 e Fig. 4) revelam uma diferença significativa presente entre jovens e adultos, como alguns estudos e dados estatísticos já prevêem. No total de metalúrgicos, há uma concentração na faixa de 1,0 a 4,0 salários mínimos, totalizando um pouco mais de 70%. Selecionando a mesma faixa entre os jovens soma-se 85%. Ressalta-se ainda que na faixa de 1,0 a 1,5 salário mínimo encontra-se metade dos jovens (52%) e 30% dos adultos. Já na faixa de 5,0 a 20 salários há 14% dos adultos e 1% dos jovens. Dessa forma, vemos que entre os jovens há uma concentração nas faixas mais baixas de salário em comparação com o total dos metalúrgicos, como pode ser visto nos gráficos.

Fig. 3 - Faixa salarial por Salários Mínimos do total



Fonte: RAIS – CAGED 2010.

Fig. 4 - Faixa salarial por Salários Mínimos dos Jovens



Fonte: RAIS – CAGED 2010.

Sendo assim, ao relacionar as variáveis de ocupação, jornada de trabalho e faixa salarial percebemos que os jovens se concentram nas mesmas ocupações que os adultos, possuem a mesma jornada de trabalho (41h a 44h semanais), mas recebem salários mais baixos, além de se inserirem em postos menos especializados que os demais trabalhadores.

#### 4. EXPERIÊNCIA DO TRABALHO E CONDIÇÃO JUVENIL

Os jovens são os que mais sofrem com a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, inserindo-se muitas vezes em postos precários ou menos especializados, enfrentando uma instabilidade frente ao trabalho. Leon (2007) aponta alguns dos fatores que dificultam essa inserção: a progressão da idade, o seu rendimento e de sua família, a escolaridade de seus pais, a sua classe social e a falta de escolaridade adequada. Soma-se o próprio déficit no desenvolvimento da economia, já que o número de postos de trabalho não tem aumentado na mesma medida que o crescimento demográfico (BRANCO, 2005). Ou seja, além dos jovens que entram nas filas do desemprego, há anteriormente uma parcela enorme aguardando pelo ingresso no mundo do trabalho.

Branco (2005) apresenta dados que reiteram o fato dos jovens serem um dos grupos que mais sofrem com o desemprego. Segundo o economista, os dados da Organização Internacional do Trabalho – OIT – mostram que em 2003 os jovens entre 15 e 24 anos já estariam representando cerca de 47% do total global de desempregados no mundo. No Brasil, de acordo com o IBGE, entre os adultos, 8 entre 100 estão desempregados; entre os jovens, a relação passa para 24,5 em cada 100, o que representa um número três vezes maior.

Essa dificuldade de inserção e permanência no mercado de trabalho é reflexo das transformações no mundo do trabalho geradas pelo processo de reestruturação produtiva, que exige dos jovens uma identidade de *jovem-adulto-flexível* (Araújo, 2009). Essas transformações atingem não somente a esfera objetiva do trabalho para o jovem, mas impacta também no seu modo de ser, agir e pensar, de forma que o trabalhador passa a ter inclusive a sua subjetividade capturada pela lógica flexível (ALVES, 2011).

De acordo com os dados encontrados foi possível perceber a materialização dos reflexos da reestruturação produtiva nesse novo segmento operário. O jovem metalúrgico encontrado na pesquisa é predominantemente do sexo masculino, na faixa de idade entre 18 e 24 anos e se insere nas empresas em ocupações menos especializadas, mas com certa mobilidade, podendo ocupar outras funções. Estes se concentram nas mesmas ocupações que os adultos, possuem a mesma jornada de trabalho (41h a 44h semanais), mas recebem salários mais baixos. A maioria (53%) possui Ensino Médio Completo e poucos (0,5%) atingiram o ensino Superior, o que se explica pela alta jornada de trabalho, e mostra a dificuldade em continuar a escolarização e de se inserir em postos de trabalho menos precários.

Diante desse cenário, a preparação para a vida adulta, apresentada por ABRAMO (2005), fica comprometida e se configura de forma particular na medida em que grande parte dos jovens concentra sua escolaridade no ensino médio e pouquíssimos chegam ao ensino superior. A escola, que seria a instituição responsável por garantir um tempo a mais de preparação para as exigências do mundo do trabalho, não atende esses jovens. O período de moratória acaba não se estendendo como esperado, o que também se explica pela pressão que sofrem, gerando o ingresso no mercado de trabalho precocemente, geralmente para atenderem à sobrevivência pessoal e familiar (BRANCO, 2005). Soma-se a alta jornada de trabalho, que dificulta a continuidade de escolarização. Consequentemente, a possibilidade de atingir postos de trabalho menos precários também fica comprometida.

Por fim, vê-se que os jovens vivenciam o mundo do trabalho e sua própria juventude de acordo com suas condições de inserção, sofrendo os reflexos das transformações na esfera da produção, que não se limitam à esfera objetiva, mas atingem a vida social e a subjetividade. Apesar de alcançarem uma inserção como trabalhadores formais, sofrem dificuldades de permanência e de ascensão, mediada prioritariamente pela escolarização.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMO, H. W. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2005.

ALVES, G. **Trabalho e subjetividade. O espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório.** São Paulo: Boitempo, 2011.

ARAÚJO, R. B. O metalúrgico jovem-adulto flexível do ABC paulista e o novo metabolismo produtivo-social do capital à época contemporânea. In: Giovanni Alves & Claudia Figari. (Org.). **La precarización del trabajo en América Latina: perspectiva del capitalismo global.** 01 ed. Londrina: Editora Praxis, 2009.

BRANCO, P. P. M. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira. Análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2005.

CASSAB, M. A. T. **Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza.** Niterói: Intertexto, 2001.

\_\_\_\_\_, NEGREIROS, A. **Jovens trabalhadores e o debate da redução da jornada de trabalho.** In: Revista Versus. Revista de Ciências Sociais Aplicadas do CCJE/UFRJ. Ano 2 n. 4 Abr. 2010.

GROPPO, L. A. Juventude. **Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HELLER, A.; FEHÉR, F. **A Condição Política Pós-Moderna.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

LEON, A. L. P. Juventude, Juventudes: uma análise do trabalho e renda da juventude brasileira. In: ABRAMOVAY, M., ANDRADE, E. R., ESTEVES, L. C. G. (Orgs.) **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007.

OLIVEIRA, F. C. **Pochmann: Pobres que trabalham e estudam têm jornada maior que operários do século XIX.** Disponível em <[www.viomundo.com.br](http://www.viomundo.com.br)>, acesso em: 01 de out 2011.